

Os lances dramáticos do 'setembro negro' de 1982

Arquivo

CONSUELO DIEGUEZ e
KRISTINA MICHAELLES

No dia 20 de setembro de 1982, o então presidente do Banco Central do Brasil, Carlos Langoni, ouviu no salão do hotel onde se realizava a tensa reunião do Fundo Monetário Internacional, em Toronto, o vozeirão do ministro das finanças do México, Jesus da Silva Herzog, que já havia comunicado a moratória do país: "Eh Langoni, pensei que vocês fossem quebrar primeiro". Herzog não entendia como o Brasil, com uma dívida maior que a mexicana e sem produção expressiva de petróleo ainda conseguia honrar seus compromissos externos.

Poucos dias depois, no entanto, o Brasil constatava que também estava quebrado. Com a moratória mexicana, os bancos credores entraram em pânico e cortaram as linhas interbancárias e de comércio dos devedores, deixando esses países totalmente vulneráveis. De um hora para a outra, o Brasil se viu sem recursos para cobrir a posição de seus bancos no exterior e para financiar a importação de petróleo que poderia resultar na paralisação do país.

A situação falimentar do Brasil e de vários países endividados, naquele mês de setembro, que ficou marcado na história da economia mundial como o setembro negro, se estendeu até fevereiro de 1983. Só então começaram a ser liberados os recursos do acordo firmado em dezembro com o FMI e os bancos credores. Os governos dos países ricos se recusaram a fazer um aporte de capitais para garantir a estabilidade do sistema financeiro, critica o então ministro da Fazenda, Ernane Galvão, na época surpreso com a falta de sensibilidade. Até fevereiro, o Brasil passou por momentos de desespero, principalmente porque o então presidente João Figueiredo, decidiu adiar a ida ao do Brasil ao Fundo, tendo

em vista as eleições para governador e a possível reação negativa da população.

Langoni relembra a tensão daqueles dias. "Foi um horror. Ninguém imagina o desespero que era a renovação diária das linhas financeiras e de crédito para o país", conta. Para evitar que o Brasil também fosse à bancarrota, levando de roldão boa parte dos bancos credores, o governo americano, através do Federal Reserve, montou uma rede de salvamento de emergência. Vinte grandes bancos privados, comandados pelos Bankers Trust, participaram da operação para garantir a manutenção diária das linhas. Langoni lembra que essa operação consumiu meses de noites em claro. Junto

com os operadores do Banco Central, ele acompanhava as operações de fechamento das posições dos bancos brasileiros.

"O Federal Reserve ficava aberto até as 22h, até os bancos brasileiros no exterior zerarem suas posições diárias. O pessoal do Banco Central tinha que se revezar por causa do fuso horário, tomando recursos num banco europeu para pagar a outro nos Estados Unidos ou para fechar a operação com algum banco japonês e vice-versa. Uma

loucura", relembra. Sem esta operação, até mesmo o Banco do Brasil e o Banespa teriam quebrado. Ele passou todo o carnaval de 1983 na mesa de operações internacionais do BC, junto com o presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Collin.

Hoje, Langoni conta, divertido, o alívio que sentiu em dezembro de 82 quando chegou, apavorado, para a reunião com 700 banqueiros, no Hotel Plaza de Nova Iorque, em que anunciaria a suspensão do pagamento da dívida brasileira. Quando olhou para a cara dos banqueiros, percebeu que eles estavam mais desesperados ainda do que ele. Então, se acalmou. "Percebi que estávamos no mesmo barco e que eles teriam que socorrer o Brasil para se salvarem também".

'Eh, Langoni, pensei que vocês iam quebrar primeiro', disse o mexicano



Tensão e medo marcavam o dia-a-dia de Langoni (esq.) e Galvão, que pilotaram a crise da dívida brasileira em 1982

CRONOLOGIA

1982 (set): Moratória do México. Bancos cortam créditos.

1982 (dez): Brasil vai ao FMI e suspende juros até acertar crédito-ponte de US\$ 4,4 bilhões

1985 (fev): Brasil consegue acordo de plurianual (não é assinado pelo novo governo Sarney).

1986 (jan): Brasil renegocia créditos de curto prazo com bancos sem ir ao FMI.

1987 (fev): Moratória brasileira: Funaro diz que país só volta a pagar quando reser-

vas, abaixo de US\$ 3,5 bilhões, voltarem a crescer.

1987 (set): Bresser retoma negociações e propõe trocar títulos da dívida por novos papéis, de prazo mais longo, do Banco Mundial. Proposta rejeitada.

1987 (dez): Suspensa a moratória. Acordo provisório para pagar atrasados de US\$ 3 bilhões.

1988 (set): Fechado acordo de refinanciamento da dívida de US\$ 61 bilhões com bancos, que liberam US\$ 5,2 bilhões.

1989 (jul): Suspenso pagamento a bancos e Clube de Paris para proteger reservas.

1990 (jan): Credores cobram juros atrasados de US\$ 3,5 bilhões. Brasil faz pagamento simbólico de US\$ 230 milhões.

1990 (jul): Brasil retoma negociação com credores e FMI. Em setembro, Zélia assina 10ª carta de intenções com FMI.

1991 (jul): Marcílio negocia com FMI.

1992 (jan): Brasil fecha com FMI e promete inflação de menos de 10% ao mês até final do ano.

1992 (jul): Brasil fecha com bancos e consegue, pela primeira vez, desconto de 35% na dívida de US\$ 44 bilhões.